

PERFIL DE MORTALIDADE POR DOENÇAS HEPÁTICAS TÓXICAS NO BRASIL NO PERÍODO DE 2010 A 2019

Congresso Online Brasileiro de Medicina, 1ª edição, de 22/03/2021 a 24/03/2021

ISBN dos Anais: 978-65-86861-87-7

BOMFIM; Ana Beatriz Nunes ¹, MARTINS; Lorena Cunha ², NETO; Milton José de Souza ³, ROCHA; Rodrigo Carvalho ⁴, NOGUEIRA; Gabriel Martins ⁵

RESUMO

Introdução: A doença hepática tóxica é uma lesão hepática causada por agentes farmacológicos ou químicos, aos quais os indivíduos podem ser expostos por inalação, ingestão ou administração parentérica desses agentes. Esse é um problema expressivo na prática clínica, correspondendo a 0,2% de todos os internamentos hospitalares e de 2 a 3% de internamentos por efeitos adversos de fármacos. Apesar de se compreender cada vez mais sobre os mecanismos da hepatotoxicidade, existem reações imprevisíveis, por vezes graves e associadas a um mau prognóstico. **Objetivo:** Avaliar o perfil de mortalidade pela doença hepática tóxica no Brasil de 2010 a 2019. **Metodologia:** Estudo ecológico, quantitativo e de caráter descritivo, feito com base em dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) coletados em março de 2021. Os dados coletados fazem referência à mortalidade por doenças hepáticas tóxicas no Brasil (CID-10 - K71) no período de 2010 a 2019. A avaliação da mortalidade foi feita sob estas variáveis: Cor/raça, sexo, faixa etária, ano do óbito e por região. Para efeito comparativo, foram levados em consideração, também, dados referentes a óbitos por doenças hepáticas de forma geral. **Resultados:** O Sistema Único de Saúde registrou 261.979 mortes por doenças do fígado no Brasil no período estudado. Dessas, 1.553 mortes (0,59%) foram por doença hepática tóxica. A partir do ano de 2017, a mortalidade por doenças que causam hepatotoxicidade aumentou em quase 50% em relação aos anos anteriores no Brasil, sendo que o ano com menor mortalidade foi o de 2011 com 110 (7%) mortes e o de maior mortalidade foi 2017 com 208 (13,39%) mortes, tendo assim um desvio padrão de 69.3. A prevalência dos óbitos se concentraram nas regiões Nordeste (0,00009%) e Sul (0,00008%). No que diz respeito ao sexo, notou-se discreta predileção pelo sexo masculino, com 56,15% das mortes. Em relação à faixa etária, temos que a maioria dos óbitos (83,9%) se deu em pacientes a partir dos 40 anos, sendo que a faixa etária com porcentagem mais expressiva de óbitos foi a de 60 a 69 anos (19,83%). Referente à cor/raça, 78 casos não tiveram essa informação registrada; do restante, vê-se maior prevalência de morte por doença hepática tóxica em brancos (45,22%), seguida pela população parda (41,5%). **Conclusão:** Diante dos resultados analisados, observa-se que houve um aumento da mortalidade por doença hepática tóxica no Brasil nos últimos anos. Além disso, observa-se um maior número da mortalidade por doença hepática tóxica em brancos e pardos, do gênero masculino, com idade entre 60 a 69 anos e na região Sudeste. Apesar do baixo número de óbitos em relação ao

¹ EBMSM, anabomfim18.1@bahiana.edu.br

² UNIFACS, lorenacmartins@hotmail.com

³ EBMSM, miltonneto19.2@bahiana.edu.br

⁴ EBMSM, rodrigorochoa18.2@bahiana.edu.br

⁵ EBMSM, gabrielnogueira18.2@bahiana.edu.br

total de mortes por doenças hepáticas (0,59%), há uma excessiva discrepância da prevalência ao comparar a região Nordeste (0,00009%) com a região Centro-Oeste (0,000054%). Portanto, estudos epidemiológicos mais rigorosos são de elevada importância para detalhar o padrão de distribuição da mortalidade no Brasil por essa doença e, logo, encontrar melhores formas de assistência aos pacientes.

PALAVRAS-CHAVE: Doença hepática tóxica, Hepatotxicidade, Mortalidade